



## **ECOS DO PRECONCEITO NA LITERATURA: AMOR E SEXUALIDADE NOS ROMANCES *O GUARANI*, DE JOSÉ DE ALENCAR, E *THE VIRGIN AND THE GIPSY*, DE D.H. LAWRENCE**

Echoes of prejudice in literature: love and sexuality in the novels *O Guarani*, by José de Alencar, and *The Virgin and the Gypsy*, by D.H. Lawrence


**Alzira Lobo de Arruda Campos<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-7264-9368> 

**Manoel Francisco Guaranha<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-8676-601X> 

**Patrícia Margarida Farias Coelho<sup>1, 3</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-1662-1173> 

<sup>1</sup>Universidade Santo Amaro, São Paulo, SP, Brasil.  
04743-030 – [institucional@unisa.br](mailto:institucional@unisa.br)

<sup>2</sup>Faculdade de Tecnologia de São Paulo, São Paulo, SP,  
Brasil. 04280-130 – [cpe.fatecip@gmail.com](mailto:cpe.fatecip@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo  
dos Campos, SP, Brasil. 09641-000 – [poseduc@metodista.br](mailto:poseduc@metodista.br)

**Resumo:** Este artigo discute as relações entre Literatura e História, procurando verificar as implicações entre o mundo de formas existente nos romances e o mundo do passado, com o objetivo de contribuir para o conhecimento da sensibilidade ocidental sobre o amor e a sexualidade, bem como sobre preconceitos raciais e de classe nos cenários do Brasil Monárquico e da Inglaterra da primeira metade do século XX. A metodologia reúne conceitos de Veyne, Bann, Frye, Bosi, entre outros, sobre a utilização do material literário pela História e desta pela Literatura, tomando, por continente empírico, *O Guarani*, de José de Alencar, e *The Virgin and the Gypsy*, de D.H. Lawrence. Os resultados obtidos demonstram que a personalidade dos autores influenciou as ficções por eles criadas, nas circunstâncias e limites históricos das épocas em que viveram.

**Palavras-chave:** Literatura e História; Ficção e realidade; Preconceito, amor e sexualidade; *O Guarani*, de José de Alencar; *The Virgin and the Gypsy*, de D.H. Lawrence.

**Abstract:** This article discusses the relationship between Literature and History, and it seeks to verify the implications between the world of forms as shown in the novels and in the world of the past, with the aim of contributing to a better knowledge of the Western sensibility about love and sexuality, as well as prejudices related to race and social class, in the backgrounds of both monarchical Brazil and early 20th-century England. The methodology applied brings together

concepts from Veyne, Bann, Frye, Bosi, among others, on the use of fictional writers' literary material by historians and *vice versa*. Two novels were studied: *The Guarani*, by Brazilian author José de Alencar, and *The Virgin and the Gypsy*, by British author D.H. Lawrence. The results obtained demonstrate that the authors' personality influenced the fictions they created within the circumstances and historical limits of the time in which they lived.

**Keywords:** Literature and History; Fiction and reality; Prejudice, love and sexuality; *The Guarani*, by José de Alencar; *The Virgin and the Gypsy*, by D.H. Lawrence.

## Introdução

A matéria plástica da literatura tem sido, em todos os tempos, um mundo de formas que é, em essência, um mundo histórico. O que ocorre é que a arte da palavra pode manejar essa matéria sem se submeter aos postulados da ciência. As figuras desse mundo não são para a literatura mais que motivos, pois o valor de suas criações apoia-se na eficácia representativa ou simbólica dessas figuras, não no problema de sua autenticidade, de como as coisas realmente acontecem – por isso os escritores literários gostam de criar suas figuras inspirando-se com absoluta liberdade no mundo de formas, ainda que, às vezes, por motivos especiais, essas figuras sejam tomadas da história verdadeira, quer dizer, do mundo do passado, concebido como real. O discurso literário decifra constantemente uma série de problemas cósmicos ou humanos que a ciência, com suas formas próprias de expressão, nem sempre aborda. A força das formas literárias, comparadas com as das ciências do passado humano, ainda que se realize a partir do mundo real, radica-se em sua absoluta flexibilidade espiritual, em sua liberdade de composição, nas possibilidades infinitas de sugestão que encerram. Já a coerência que se mostra aos leitores, nem sempre corresponde à coerência regida pelo pensamento lógico-matemático, mas a uma lógica interna que pode, por assim dizer, pela natureza, pela disposição e pelo arranjo de suas proposições incorporar a própria falta de lógica como construto de sentido. Vale dizer, a literatura lida com o verossímil, aquilo que é possível, plausível, no universo das suas construções.

As implicações da representação histórica na literatura levam à tentativa de identificar os códigos por intermédio dos quais a história foi mediada, ligando-os aos atos criadores de indivíduos que viveram em determinadas circunstâncias, procurando, desde essa perspectiva, evitar uma separação definitiva entre os mundos circunscritos do historiador e do literato. Trata-se de verificar as relações entre circunstâncias e elementos desses mundos, uma vez que, “quando essas relações vão se juntando uma a uma, nasce o que chamamos de significado” (MURAKAMI, 2008, p. 234). Desse modo, se certas obras literárias, como as que analisaremos neste trabalho, filtram a realidade histórica romantizando-a, a leitura dessas obras sob a perspectiva histórica pode, por sua vez, investigar por meio de uma espécie de engenharia reversa, por assim dizer, a essência do contexto histórico, das condições de produção e recepção desses textos, ou seja, das cifras e códigos que nos permitem compreender a realidade que as forjou.

Dessa perspectiva, o romance *O Guarani* (1998), publicado em 1857, de José de Alencar (1829-1877), que tem como tema central o amor entre Peri e Ceci, protagonistas



de culturas e estratos sociais diferentes, põe a descoberto a longa duração do preconceito contra determinados grupos como elemento estruturante da sociedade brasileira, notadamente no imaginário romântico da sociedade patriarcal oitocentista no Segundo Reinado (1840-1889). As exclusões sociais, conectadas ao gênero, etnia e estamento, desvelam-se na trama romanesca, nas personagens e no conteúdo erótico das relações mantidas pelo casal saído da imaginação literária do escritor cearense. Em posição oposta à de Alencar, David Herbert Lawrence (1885-1930), em *The Virgin and the Gipsy* (1930)<sup>1</sup> faz uma crítica acerba da moralidade da época, utilizando-se de uma trama baseada em um casal, também de protagonistas provenientes de diferentes culturas e estratos sociais, no qual destaca as sexualidades cruas da filha de um pregador e de um cigano. Este é visto em sua “animalidade” positiva, isto é, no realismo do amor sexual, enquanto a sua companheira representa, em sua virgindade, a hipocrisia social estruturada na religião e família vitorianas.

Ainda que as narrativas analisadas neste texto pertençam a gêneros literários, países e épocas diferentes, desenvolvem temática e figuras literárias que guardam certas semelhanças no que diz respeito ao preconceito tanto racial quanto de classe que se manifesta nas trajetórias dos personagens e é expressão da visão do mundo dos escritores, o que justifica o confronto que estabeleceremos entre ambas.

### **Narrativas históricas e literárias**

Não mais que uma narrativa literária, a história é o relato de acontecimentos; porém o vivido, tal como sai das mãos do historiador, não é igual ao dos literatos, pois é uma narração baseada em evidências, o que permite a eliminação de alguns falsos problemas. Tal como “as narrativas literárias, a história escolhe, simplifica, organiza, sintetiza um século em uma página e essa síntese da narrativa é não menos espontânea que a da nossa memória, quando evocamos os últimos dez anos que temos vivido” (VEYNE, 1971, p. 18, tradução dos autores)<sup>2</sup>. O limite para o historiador refere-se ao fato de que o acontecimento nunca é recolhido direta e inteiramente, mas é sempre incompleto e lateral, por meio de documentos ou de testemunhos – em outras palavras, de traços. Por essência, a história é um saber baseado em documentos, mas a narrativa histórica coloca-se além dos documentos, pois nenhum deles pode ser o acontecimento. A história é uma fotomontagem documentária. A variedade de valores através das nações e dos séculos é um dos grandes temas da sensibilidade ocidental. A história é metódica, como uma narrativa literária, mas se distingue dela por um ponto essencial: é um relato de acontecimentos verdadeiros, isto é, de acontecimentos que supostamente ocorreram,

---

<sup>1</sup> Para este trabalho, optamos por utilizar a versão digital em inglês da 1ª edição, disponibilizada pelo *Projeto Gutenberg* da Austrália (LOWRENCE, 1930). Por ser uma edição digital, os números de páginas não serão referenciados nas citações diretas da obra.

<sup>2</sup> *Comme le roman, l'histoire trie, simplifie, organise, fait tenir un siècle en une page et cette synthèse du récit est non moins spontanée que celle de notre mémoire, quand nous évoquons les dix dernières années que nous avons vécues.* Tradução dos autores.

mas se apresenta como um acontecimento mutilado, uma vez que não diz, na verdade, o que aconteceu, mas sim o que é possível saber sobre o acontecido (VEYNE, 1971, p. 15-24).

Para saber se o escritor trabalha com métodos históricos ou com métodos literários é preciso verificar qual é o seu empenho em descobrir de fato o que se passava no que o historiador concebia ser o mundo real. A ciência histórica pode acusar com razão a literatura de concorrência desleal, uma vez que os escritores podem colocar em circulação um produto híbrido, cujo caráter de imitação se procura mascarar. A esse produto híbrido poderíamos chamar de história literária ou literatura histórica, uma classe de literatura que se distingue claramente de outras formas mais antigas, como a novela histórica e o drama histórico. A novela histórica não pretende ser mais que uma literatura amena, ainda que tome seus temas da história, usada como inspiração, com o objetivo de conseguir certo grau de fidelidade à narrativa, passível de realçar o efeito da obra. Porém, enquanto a história consistir em “dar um sentido a coisas cheias de sentido”, ficará em pé o critério segundo o qual não se pode atribuir o nome de história a nada que não corresponda à necessidade de passar uma imagem autêntica de um determinado passado (HUIZINGA, 1992, p. 41-45).

Como a literatura histórica é um fenômeno cultural, a interconexão de história e literatura apresenta resultados de uma produtiva fertilização cruzada entre correntes que anteriormente haviam sido mantidas afastadas, como ocorreu no projeto da escola Annales, que consistiu em incorporar a metodologia das ciências sociais à pesquisa histórica. A “história narrativa” investiga como certas formações do discurso desempenham um papel privilegiado na mediação de nossa percepção do passado. Nessa linha, outra questão de relevância aparece: quais os traços que poderiam ser descritos como mistificatórios, distorcendo ou enfraquecendo as respostas da imaginação histórica e como podem ser eliminados de forma a que a visão do passado possa ser alinhada à nossa percepção das necessidades atuais e com as possibilidades do futuro? (BANN, 1994, p. 14). Pergunta de difícil resposta, pois não dispomos de padrões confiáveis para distinguir uma estrutura verbal literária de outra que não o seja, o que torna difícil utilizar o fato literário que nos interessa para explicar uma dada situação histórica. As categorias fundamentais da literatura – drama, epopeia, ficção em prosa – formam gêneros entre os quais epopeia, novelas e romances são especialmente interessantes para estudar o cotidiano. A distinção entre ficção e não-ficção, entre livros que descrevem coisas que se têm como verdadeiras e livros que cuidam de qualquer outra coisa é bastante complexa e depende do ponto de vista do observador.

No século XIX, a escrita arquetípica persistia, assim como hoje, nos diversos gêneros literários, quando intercâmbio de baladas, contos folclóricos e histórias populares estava em seu momento mais propício, a literatura preocupava-se com o mito em seu sentido mais estrito e técnico de ficção, fixando os seus interesses em temas relacionados a seres e forças divinas ou quase divinas por um lado e, por outro, em seres que, a

despeito de terem como ingredientes em sua construção aspectos arquetípicos, são seres que, igual aos primeiros, constroem-se no e pelo discurso e que se movem igualmente no mundo do discurso, análogo ao nosso, submetidos às nossas mesmas regras, os quais poderíamos, por assim dizer, encontrar num passeio público.

Os arquétipos, como símbolos comunicáveis, compõem um grupo de símbolos universais. Na fase arquetípica, a obra literária é um mito e une o ritual e o sonho, limitando-o e tornando-o plausível a uma consciência social dispersa. Os limites do sonho não são o real, mas o concebível, e o limite do concebível é o mundo do desejo realizado no universo do sonho, que está inteiramente dentro da mente do sonhador (FRYE, 2014, p. 241-244). Essa lógica, concebida como a arte de produzir significado, que organiza as palavras em um padrão com significância, aproxima-se da arte de construir narrativas (FRYE, 2014, p. 391). Quase todas as obras de arte do passado possuíam uma função social em sua própria época, uma função que frequentemente não era de forma alguma estética. A cultura do passado não é somente a memória da humanidade, mas nossa própria vida sepultada que pode ser revisitada, bem como é ressignificada nas narrativas contemporâneas. Nesse sentido, o mito, o ritual e o sonho são como brasas sob as cinzas de uma fogueira recém-apagada e que a animam, que a podem reacender ou, pelo menos, que preservam sua potência. A relevância contemporânea do estudo da arte do passado corresponde à lógica de atender a questões específicas do presente, na medida em que esse estudo sirva de apoio de uma causa ou tese atuais. Um exemplo disso é compreender que a energia social que mantém a estrutura de classe produz cultura pervertida em três formas principais: mera cultura de classe superior, ou ostentação; de classe média ou vulgaridade; e de classe baixa ou miséria. O elemento imaginativo liberta a submissão das obras de arte à história (FRYE, 2014, p. 509-512), mas cremos que nem por isso as obras de arte não deixem de revelar o diálogo que mantiveram com as condições de seu tempo.

São esses conceitos que fornecem a base metodológica desta análise, permitindo que vejamos, em *O Guarani*, as possíveis homologias de tratamento entre a imaginação de Alencar, centralizada no amor entre uma virgem, filha do colonizador europeu, e um nativo das selvas brasileiras e as estratégias de poder do Segundo Reinado, ligadas à exigência de consolidar a ideologia nacional, desligada da antiga metrópole. Como consequência, a abordagem desse tema coloca em rede a literatura e a história, procurando verificar como cânones literários do Romantismo brasileiro acomodaram-se às necessidades políticas do governo de Pedro II. Abordagem, assinala-se, atenta à complexidade dos limites entre a verdade e a ficção. Nesse sentido, o Romantismo de Alencar é comparado ao Realismo de H.D. Lawrence, em sua posição de combate contra a moral vitoriana e a hipocrisia social baseadas na família e religião, em uma narrativa que une a filha de um pregador a um cigano, atraídos por um desejo sexual impossível de se realizar nos moldes sociais da época.

## **Ficção e realidade nos discursos da Literatura e da História**



A decalagem conceitual entre História e Literatura passa formalmente pela linguística, demonstrando os pontos de encontro possíveis que implicam essas áreas do conhecimento. A linguística ficou por muito tempo considerada como a ciência piloto de todas as ciências humanas, impondo seus modelos, conceitos e teorias sobre o signo. A linguística, o estudo das línguas naturais, isto é, de sistemas de significação puros, pretendeu ser o paradigma das ciências humanas. De Lévi-Strauss a Lacan, passando por Barth e Dumezil, nada escapava ao caráter heurístico e aos limites do paradigma fundador inaugural de todas as ciências: o estudo da cultura por meio da linguagem, dos conjuntos significativos de palavras dos quais era preciso estabelecer a significação. No concerto das ciências humanas restava à História o papel de parente pobre, uma vez que, voltada à diacronia, ela não podia esposar tempos resolutamente sincrônicos. Acantonada no consciente, a história não podia se interessar pelas descobertas do inconsciente de Freud, uma vez que desconfiava das analogias não rigorosas, em geral do não-consciente. A História continuava a se definir por problemas obstinadamente ideológicos, acolhendo melhor os conceitos da Sociologia sobre as ciências da sociedade, como, por exemplo, o materialismo histórico. A confusão reinante residia no estatuto que se dava à noção de signo. Longe de ser empregado no sentido saussuriano do termo, o signo designa na obra de Barth tanto o indício, quanto o símbolo, o sintoma e raramente o signo propriamente dito. Deduz-se, a partir de debates entre vários autores, que toda a coleção de signos forma um sistema, e todo sistema uma linguagem que assume então os conceitos da linguística. De alguma forma, o objetivo maior de Barth é esclarecer o conteúdo latente de determinadas mensagens, mitos, atitudes, comportamentos. Na realidade, suas pesquisas visam à sintomatologia do mundo burguês mais do que uma semiologia, um esclarecimento da mentira social, mais do que a mensagem social. O historiador não considera a linguística como modelo exportável com fins de analogias não rigorosas. Isso implica que o seu campo de aplicação deva ser definido com cuidado, assim como seus limites. A linguística permite substituir o dado do texto a uma lógica do texto, e serve para esclarecer a economia interna de uma ideologia e a função social do texto analisado (ROBIN, 1973, p. 13-14).

A linguagem natural não tem por única função a transmissão de informações, uma vez que o simples jogo da linguagem instaura entre os indivíduos certas relações de colaboração, de luta, de dominação, de dependência. De acordo com as tendências linguísticas adotadas por historiadores, uma nova hipótese apareceu: a do isomorfismo entre grupos sociopolíticos e os léxicos utilizados por esses grupos. De acordo com essa hipótese, cada grupo político seria definido pelo emprego específico que faria de algumas palavras. As atitudes políticas conhecidas corresponderiam a clivagens linguísticas, mais exatamente a segmentações lexicais pertinentes a cada grupo. Assim, o vocabulário seria uma espécie de etiqueta fixada sobre cada grupo político, da qual se deslocaria uma visão do mundo coerente, uma linguagem específica. No limite, o vocabulário seria suficiente para definir a posição política de qualquer pessoa, para designar o lugar preciso

que ocuparia no xadrez político, permitindo-se fazer da palavra o índice de um comportamento político.

É evidente que, embora exista um lugar estratégico das palavras, a definição política de grupos ou pessoas depende de muitas mediações, tal a complexidade do estatuto da palavra no discurso (ROBIN, 1973, p. 37-38). A possibilidade da análise do discurso implica que a análise linguística possa tirar conclusões sobre a função discursiva e, em última análise, sobre a função da ideologia de uma formação social dada, aproximando os conceitos linguísticos do corpus histórico. Desse ponto de vista, a expressão de autonomia relativa do nível discursivo é ambígua, uma vez que depende dos autores sociais e de suas circunstâncias. O funcionamento polissêmico da noção que o texto inclui vai além da ideologia política dos autores. A linguagem, entendida como o conjunto dos meios de expressão que é transmitida ao indivíduo e que enquadra toda a sua vida mental, é a primeira ferramenta utilizada na investigação histórica. Assim, a história das mentalidades não pode progredir sem o concurso dos lexicólogos dos quais espera receber recursos novos, como, por exemplo, a noção de o campo semântico não se ligar a termos isolados, mas a agrupamentos.

Na mesma linha, a lexicologia fornece ferramentas destinadas a reparar as expressões fechadas, a fim de que se possam observar as considerações verbais ligadas às articulações mais amplas da psicologia coletiva. As formações discursivas são fundamentais para o estudo das práticas e da ideologia sobre as práticas, trazendo a visão do mundo, o conjunto de quadros conceituais aceitos por um indivíduo ou um grupo e utilizados por eles no exercício cotidiano de seus pensamentos e atividades. As palavras nos fornecem uma parte válida dessas representações mentais estruturais que nós desejamos delimitar. A visão do mundo materializada em compartimentos constitui uma trama tanto das camadas superiores quanto das inferiores da sociedade. Nessa vertente, a história da loucura, de Michel Foucault (1972), como tantas outras obras, procura estudar como uma estrutura mental coletiva, tenaz, aparentemente vinda da profundidade das idades, permanente e estável, pode dar nascimento a uma estrutura mental nova, com seu próprio sistema de relações internacionais, e como essa nova estrutura é capaz de provocar mutações sociais (ROBIN, 1973, p. 66-67).

### **Literatura e indianismo no Brasil monárquico: O *Guarani*, de José de Alencar**

A narrativa literária tem a predominância da perspectiva do narrador, que constrói a narrativa de um presente posterior aos fatos narrados. Assim sendo, ao dominar a forma como o enredo pode ser desenvolvido, o autor insere sua ideologia na estrutura narrativa, mesmo que de maneira ambígua ou irônica. As relações da História com todo o painel do século XIX têm sido explicadas não apenas a partir do trabalho autônomo do historiador, mas das conexões estabelecidas entre esse trabalho e o número limitado de enredos arquetípicos, como nos exemplos da tragédia e da comédia (BANN, 1994, p. 62).

O nacionalismo aparece como o traço marcante de manifestação literária no século



XIX, marcado por revoluções que levaram à independência as colônias americanas, à abolição do instituto jurídico da escravidão e ao imperialismo pós-industrial. Na complexidade desse quadro histórico, o discurso de valorização do nativo penetrou na literatura brasileira, procurando realçar a originalidade da nova nação frente aos cânones legados por Portugal. Por meio de incorporação à obra literária de certos aspectos das populações originárias, da flora, da fauna, procurou-se estabelecer uma tradição nativista anterior a um nacionalismo literário. Desse prisma, o indianismo passou a ser considerado como um elemento próprio do Romantismo, uma temática que diferenciava o brasileiro do seu antepassado português, propondo a imagem ideal do índio, um “outro” transformado em símbolo da pátria e refeito em grande parte pela imaginação. Bem cedo, na história da literatura brasileira, o índio passou a representar o grande projeto artístico e patriótico brasileiro, tornando-se mesmo um assunto predileto dos escritores. Esse procedimento funcionou como instrumento de aquisição da consciência nacional de um povo que entrava na vida independente, como um sinal de identificação para todos os brasileiros que projetaram na raça indígena o seu passado, a sua mestiçagem, os seus sonhos, passando de moda literária a um fator de unidade (HOLANDA, 1976, p. 343-347).

José de Alencar publicou *O Guarani* em 1857. Em 1892, a parte inicial de *As minas de prata* e, em 1865, *Iracema*, fundindo em prosa e poesia um admirável universo plástico, integrado por símbolos da formação brasileira, com o propósito político de reabilitar o indígena, encontrado em forma de idealização em Antônio Gonçalves Dias e nele próprio (HOLANDA, 1976, p. 442). Tal propósito fora determinado pela reação literária, inaugurada com o Romantismo europeu, que, no sentido lato, pode ser definido como uma reação contra o Classicismo. No ambiente de independência em que se vivia no Brasil oitocentista, foi fácil acolher-se essa nova tendência literária, que libertava a escrita nacional da subserviência a modelos metropolitanos. Desse ponto de vista, a escola literária romântica brasileira assinalou, entre as suas tendências principais, a simpatia pelo índio, com o objetivo de reabilitá-lo como o nosso antepassado “verdadeiro”, em contraposição ao colonizador lusitano. Esse processo incluía intenções nativistas – o amor à natureza, o conceito sentimentalista da vida – com o propósito manifesto de criar uma literatura nacional e mesmo uma cultura brasileira. Com inspiração ideológica nas qualidades dos povos originários, recomendou-se o ensino da língua tupi, a adoção de nomes indígenas para designar pessoas, cidades ou logradouros, enfatizando-se, como regra, a superioridade da cultura ameríndia frente à portuguesa. Com essas características, modificadas por alguns influxos recebidos de fora ou aqui nascidos, instalou-se o romantismo brasileiro, da terceira década do século XIX, até o meado do decênio de 1870 (DE MATOS, 1915, p. 7-8).

No entanto, é preciso relativizar a aproximação que se faz do indianismo brasileiro com o fenômeno europeu de romantização das origens nacionais do século XIX. Ainda que o século XIX, em sua primeira metade, tenha sido “uma fase de tensão aguda entre a Colônia que se emancipava e a Metrópole que se enrijecia na defesa de seu caducante



Império” (BOSI, 1992, p. 177) e ainda que, naquele contexto fosse esperado que o “índio ocupasse, no imaginário pós-colonial, o lugar que lhe competia, o papel de rebelde” (BOSI, 1992, p. 177), isso não aconteceu exatamente assim na ficção de José de Alencar, já que “o índio de Alencar entra em íntima comunhão com o colonizador” (BOSI, 1992, p. 177), reflexo talvez de o Romantismo do autor cearense ter se mostrado “receoso de qualquer tipo de mudança social, parecendo esgotar os seus sentimentos de rebeldia ao jugo colonial nas comoções políticas da Independência” (BOSI, 1992, p. 176).

Quanto à compreensão deste ponto, certos aspectos da vida, aliados a certos elementos da produção do autor, revelam-se fundamentais. Seu pai era o Senador José Martiniano de Alencar “ex-padre e vulto de projeção na política liberal, foi um dos animadores do Clube da Maioridade, que levou D. Pedro ao trono em 1840” (BOSI, 1997, p. 148). O autor de *O Guarani* nasceu no Ceará e, ainda criança, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Formou-se em Direito e “começou a advogar, mas a literatura logo o absorveu” (BOSI, 1997, p. 148). Depois da morte de seu pai, em 1860, José de Alencar entrou para a política: conseguiu eleger-se para o cargo de deputado da província do Ceará e, mais tarde, chegou a ser Ministro da Justiça no Gabinete Conservador entre 1868 e 1870. Diferente do pai “que sempre se batera por teses liberais, o romancista assumiu posições retrógradas (patentes em face do problema escravista) e foi, no fundo, antes um individualista que um homem voltado para a coisa pública” (BOSI, 1997, p. 149). É bem possível que as escolhas ideológicas dele tenham contribuído para o fato de D. Pedro II tê-lo preterido na indicação para o Senado, fato que o levou a se retirar da vida política.

Esse conservadorismo do autor está na raiz da fixação literária feita por Alencar de “um dos mais caros modelos da sensibilidade brasileira: o índio ideal, elaborado por Gonçalves Dias, mas lançado por ele na própria vida cotidiana” (CANDIDO, 1981, p. 224). Ainda segundo Candido, a galeria de personagens indígenas alencarianos, que inclui Peri, fazem parte da “‘mentirada gentil’ do indianismo [e] traduzem a vontade profunda do brasileiro de perpetuar a convenção, que dá a um país de mestiços o álibi duma raça heroica, e a uma nação de história curta, a profundidade do tempo literário” (CANDIDO, 1981, p. 224).

É bem possível que o conservadorismo do autor aliado à sua expressão peculiar do indianismo expliquem, em parte, a referida comunhão do índio com o colonizador, que leva Peri à condição de vassalo de Ceci e de seu pai, dom Antônio a ponto de renunciar à própria identidade para poder salvar a sua amada: “No desfecho do romance, em face da catástrofe iminente, o fidalgo batiza o indígena, dando-lhe seu próprio nome, condição que julga necessária para conceder a um selvagem a honra de salvar a filha da morte certa” (BOSI, 1992, p. 177). Ainda que Peri faça essa concessão, que não é pouca coisa, Alencar deixa claro que o amor entre a nobre Ceci e o selvagem, apresentado como um cavaleiro medieval e aderente aos padrões culturais europeus, seria impossível. Tomados pela “tromba gigantesca” do rio Paraíba, em um cataclisma da natureza, os dois “amigos”

desejavam uma só morte, estreitados no “berço mimoso” fornecido pela cúpula da palmeira em que se achavam.

Após uma luta heroica de Peri, Ceci anuncia que ambos iriam viver junto ao trono de Deus, como irmãos. Uma concessão sutil à sexualidade feminina se apresenta nas palavras finais do romance, quando “o hálito ardente” do nativo bafejou a face de sua amada, fazendo “no semblante da virgem um ninho de castos rubores e límpidos sorrisos: os lábios abriram como as asas purpúreas de um beijo soltando o voo” (ALENCAR, 1998, p. 458). E, perfazendo uma estratégia ideológica, a metáfora literária da palmeira sumindo no horizonte é posta para ser entendida pelo público leitor do Brasil Monárquico, ao confirmar a regra pétreia da escolha do par, em seu igual. A desdita dos amantes foi devida pela desigualdade de raça e classe à qual pertenciam. Alencar descreve o casal unido por um amor espiritualizado, ao gosto dos salões brasileiros. O nativo torna-se cristão, para melhor servir à amada, mas a sua sexualidade transcorre no ambiente do servilismo. Cavaleiro e escravo ao mesmo tempo, Peri domina a natureza, que fornece o cenário para toda a narrativa romanesca, como um recanto de salvação.

Essa mesma natureza, contudo, aparece como reflexo da dominação do colonizador sobre o colonizado no “quadro de um Brasil-colônia criado à imagem e semelhança da comunidade feudal europeia”, segundo Bosi (1992, p. 187), que mostra como a descrição que abre a obra pinta o Rio Paquequer, próximo à propriedade, como vassalo, caudatário do Rio Paraíba, para o qual aflui. Já os índios “aimorés, que são os verdadeiros inimigos do conquistador no *Guarani*, aparecem marcados pelos epítetos de *bárbaros, horrendos, satânicos, carniceiros, sinistros, horríveis, sedentos de vingança, ferozes, diabólicos...*” (BOSI, 1992, p. 178, grifos do autor).

Neste ponto, destaca-se o caráter peculiar do indianismo alencariano: a imagem do nativo constitui reflexo de um idealismo, conservador e ao gosto romântico, do escritor e de sua classe, imagem literária que não objetiva enaltecer as virtudes dos americanos nativos ou torná-los um modelo civilizacional que poderia, de algum modo, sugerir uma crítica ao colonizador. Pelo contrário, a primazia do colonizador subjaz sob o manto da ficção. Já na seção seguinte, será possível observar como Lawrence posiciona-se, de modo diferente de Alencar, contra o conservadorismo de seu tempo, de seu grupo social, e faz isso a partir da perspectiva de seu realismo crítico.

### **Ficção e realidade na Inglaterra entre as duas guerras mundiais: o Realismo crítico de David Herbert Lawrence em *The Virgin and the Gipsy***

D.H. Lawrence, um dos mais originais e controversos escritores ingleses do século XX, revela as forças estruturantes da criatura humana, apresentando uma crítica contundente à sociedade industrial moderna. Ele nasceu em 1885, em Nottingham, e era o quarto filho de um mineiro. Sua mãe foi uma professora e poeta. Lawrence cursou a universidade, tornando-se professor da University of London, mas, por problemas de saúde, abandonou o magistério em 1911. Enquanto atuava na docência, começou a

escrever sobre a história de Nottingham, tendo publicado sua primeira novela, *The White Peacock*, em 1911. Um ano após, conhece Frieda von Richthofen, esposa do seu antigo professor de línguas modernas, que, levada pela paixão, abandona marido e filhos para seguir o escritor, fixando-se na Alsácia-Lorena e, a seguir, na Itália. A vida pessoal de Lawrence é marcada pelo romance que manteve com Frieda, uma alemã aristocrata, casada com o professor que o havia tutelado em Nottingham. O escândalo que marcou a união do casal levou-o a uma existência nômade, transcorrida em vários países, intensamente marcada por sua relação amorosa, que forneceu temas a algumas das ficções mais tardias de Lawrence, que se havia casado com Frieda em 1914, um ano depois que regressou à Inglaterra. Os anos da Grande Guerra (1914-1918) constituíram um período sombrio na vida do escritor, especialmente pelo fato de sua mulher ser germânica. Não resistindo a pressões policiais, em 1917, o casal mudou-se para a Alemanha, mas, lá, a germanofobia transformou-se em anglofobia, levando o casal a se mudar novamente, em 1917, agora para Londres, cidade na qual passou o resto da guerra, após a qual as viagens se reiniciaram, primeiro aos Estados Unidos, depois à Itália. No verão de 1920, Frieda, na companhia do marido, foi morar com sua mãe, na Alemanha. Em sua nova morada, Lawrence escreveu *Of the Unconscious*, no qual tratava de suas teorias psicológicas, já presentes em algumas de suas obras anteriores. Embora o seu desejo de morar na Europa fosse crescente, tendo vagado pela Itália, Alemanha e Áustria, sozinho ou na companhia da esposa, Lawrence enfrentou críticas violentas sobre o seu livro *Women in love*, atacado em Londres como um estudo sobre a “depravação”. Posteriormente, o escritor se deslocou para o Ceilão, onde estudou budismo, e para a Austrália, país em que escreveu *Kangaroo*. Nessa fase da vida, Lawrence se apresenta momentaneamente cansado de suas doutrinas místicas de sexo e poder, consciente das consequências negativas do seu modo de vida para ele e Frieda. Em 1926, D.H. Lawrence e Aldous Huxley tornaram-se amigos íntimos, compartilhando suas ideias sobre as portas da percepção e as críticas à sociedade burguesa. Em seus últimos anos de vida, Lawrence ocupou-se em pintar quadros e escrever sua última novela, *O amante de Lady Chatterley*, na qual julga severamente a sociedade e expõe suas crenças nas possibilidades benéficas da civilização, a partir de relações novas entre homens e mulheres. Esse livro apareceu em uma versão expurgada, em 1932, dois anos depois do falecimento de Lawrence, em um sanatório, em Vence, França, vitimado por uma meningite tuberculosa (ROBSON, 1980, p. 722-723).

O fascínio despertado pela personalidade de Lawrence é atestado por todos que o conheceram e sobrevive abundantemente em suas cartas, ficção, poesia, em seus numerosos escritos em prosa e relatos biográficos. Ele era um ser multifacetado e complexo, empenhado em transmitir uma mensagem por meio de sua escrita e debruçado na investigação de problemas psicológicos e sociais. Era um gênio original, que conseguiu transmitir conceitos consideráveis sobre o poder em termos imaginários, como um extraordinário novelista naturalista e poeta, realista e místico. As suas obras

transmitem uma visão baseada em um mundo autônomo, descolado de preconceitos. Do ponto de vista literário, Lawrence ocupa lugares do mesmo nível que Melville e Emily Brontë, e mesmo de Balzac e Tolstoy. Seus escritos transmitem um sentimento de simpatia para com os miseráveis, ao conceber um mundo humano ou um mundo circunscrito à vida animal, despido de preconceitos étnicos ou de classe. Os temas tratados por ele giram em torno das relações entre homens e mulheres, descritas cruamente, com uma coragem audaciosa. O universo que cria é intensamente subjetivo, na medida em que o mundo marginal dos amantes é descrito como excluído ou rejeitado com desprezo pelos donos do poder. Especialmente em suas últimas novelas, o tema sexual é conectado a outros aspectos da realidade. Em *O amante de Lady Chatterley*, a conexão se faz com a crítica às condições industriais na Inglaterra. Não obstante as novelas de Lawrence concentrarem-se na história das relações de um único casal, em geral descambam para uma grande impessoalidade e um forte manifesto a favor de um poder criativo e inovador. As audácias dos trabalhos de ficção de Lawrence encaminham o leitor para um sentido irresistível de realidade, e são marcados por uma grande generosidade para com os desvalidos (ROBSON, 1980, p. 722-723).

*The Virgin and the Gipsy* e as várias versões de *O amante de Lady Chatterley* foram escritas quando Lawrence e Frieda moravam na Itália. O último, o seu maior romance, inicialmente publicado em edições privadas, nas cidades de Florença e Paris, reforçou a sua notoriedade. A história, que se passa em Nottinghamshire, é sobre um relacionamento entre uma Lady e seu guarda-caça. Ao criar um casal inconcebível pelas normas sociais em razão da diferença de classes dos amantes, a narrativa abre novos caminhos, descrevendo um relacionamento sexual de forma explícita, porém literária. Por meio da literatura, Lawrence desafiou os tabus britânicos em torno do sexo, capacitando homens e mulheres a exercerem a sexualidade de modo pleno, honesto e limpo. Na mesma linha, coloca-se *The Virgin and the Gipsy*, de início um conto, publicado como romance, após a morte de seu autor. É uma narrativa que, ao unir pessoas de classes diferentes, aborda o tema do preconceito de raça, fortíssimo na sociedade inglesa e comum para tipificar o sexo primitivo de mulheres “despudoradas”.

Com efeito, as doutrinas ou comportamentos hostis aos ciganos se desenvolviam na Europa, à semelhança do antissemitismo, apresentando-se, desde o século XIX, revestidas do pseudocientificismo que parasitou a teoria evolucionista, propagando ideias sobre uma origem pluralista das raças humanas, no entendimento confuso, ideologicamente premeditado, entre os conceitos de especiação e raciação. O século XX recebeu os preconceitos contra as populações nômades, atestando, na realidade histórica, a “face nômade” das minorias, advertida pelos sociólogos (MOSCOVICI, 2009, p. 53).

É um truísmo saber que as sociedades classificam os homens, separando os grupos originais dos grupos “estrangeiros”, de acordo com um sistema ideológico de crenças religiosas, de convicções quanto à economia ou à política. O objetivo é conservar

o poder nas mãos daqueles que já o detêm, por meio de representações que obedecem a uma norma que acrescenta um sentido ético a seus atos – atos concebidos por indivíduos que sabem discernir entre o bem e o mal, inseridos, portanto, numa racionalidade de poder. As reflexões apresentadas por tais indivíduos têm por ponto de partida estereótipos,

categorias discriminando grupos em brancos e negros, cristãos e judeus, franceses e alemães, indígenas e espanhóis, ciganos e romenos etc. – [as quais] constituem, em suma, um modo de conhecimento, com a função de opor ‘semelhantes’ preferidos aos ‘diferentes’, vistos como desprezíveis, de distinguir aqueles que não são como nós” (MOSCOVICI, 2009, p. 53).

A ideia do “diferente” fortaleceu a bandeira colonialista de conduzir os nativos, considerados selvagens, à civilização (fenômeno que observamos, embora de outro modo, em Alencar), fundamentada no cientificismo dos séculos XIX, projetado para o século seguinte nos mitos da raça pura (na versão do nacional socialismo alemão) ou de direitos historicamente conquistados (na versão do fascismo italiano). A primeira versão eliminava judeus e ciganos do projeto civilizatório: eles eram os “micróbios” da humanidade, que deveriam ser eliminados, como a “solução final” que o Terceiro Reich implementou industrialmente nos campos de extermínio estabelecidos nos países por ele dominados. Quando Lawrence coloca um cigano como protagonista masculino de seu último conto/romance, a ideologia nazista estava em pleno desenvolvimento e constituía o mote principal da propaganda que serviria de base à tomada do poder por Adolf Hitler e ao holocausto, praticado como uma política de Estado.

Não obstante o preconceito contra os ciganos se tenha desenrolado em pogroms numerosos, na Europa e em outras partes do mundo, trata-se de um povo ainda pouco investigado pelas ciências sociais. A diversidade cultural dos ciganos é ampla, mas estereótipos generalizantes continuam a imperar sobre esse povo, em geral negativos e lacunares, uma vez que os diferentes grupos compartilham de um passado “de ódio, de perseguição, de discriminação pelos não-ciganos, em todos os países por onde passaram, desde o seu aparecimento na Europa Ocidental, no início do Século 15” (MOONEN, 2011, p. 18).

É nesse ambiente de incompreensão e hostilidade que se deve avaliar a coragem de Lawrence ao assumir o anticiganismo em seu contrafluxo e ir além, criticando os fundamentos da sociedade, ao fazer de Yvette, a filha de um vigário, apaixonar-se por um cigano. No romance, o vigário abandonado pela mulher, Cíntia, que fugiu com um homem novo e pobre, é supervalorizado pela sociedade como um padrão de homem a seguir. Em contraste, são julgadas as personalidades disruptivas de Cíntia e de sua filha Yvette, ambas infratoras das regras clássicas que confinavam a mulher nos limites da igreja, da casa e da atividade de criação dos filhos. Mãe e filha, vituperadas pela sociedade, são personagens do romance que figuram como porta-vozes do feminismo. O escândalo que a fuga de Cíntia provocou, frisa o narrador, não conheceu limites. A esposa do pastor

abandonara o marido e duas filhas pequenas, de sete e nove anos, movida pela “concupiscência”, como se fosse acometida pela loucura. O feminismo de Lawrence é indisfarçável, ao descrever a família, que educou as crianças abandonadas em um ambiente de autossantificação e de silenciamento: “As crianças foram criadas nesta atmosfera de ardilosa autossantificação e de não-ditos” (LAWRENCE, 1930, on-line)<sup>3</sup>. Cíntia, a adúltera, é tomada como erva daninha que poderia se manifestar por meio das filhas, uma vez que desrespeitara a tradição de lealdade, concentrada no poder da avó, que desenvolvia uma estratégia pessoal de poder, sob a capa de proteger a família dos perigos do mundo. Em síntese, não importava o sofrimento de cada indivíduo frente à obrigação de mostrar ao mundo a unidade do clã: “Deixa que haja tanto ódio e atrito *dentro* da família, tanto quanto você queira. Para o mundo exterior, contudo, [o clã deve parecer] uma barreira inflexível e uníssona” (LAWRENCE, 1930, grifo do autor)<sup>4</sup>.

A atmosfera sufocante do lar foi bruscamente posta à prova quando, no decorrer de uma excursão com amigos, Yvette se deparou com um cigano, que dirigia uma carroça e que despertou nela desejos sexuais poderosos. Este é o mote da narrativa, que expõe, com uma linguagem brilhante, os conflitos entre as escolhas individuais e as convenções sociais: “[Yvette, ao se afastar,] sabia que o cigano se voltara para observá-la, pois estava atenta aos movimentos daquela genuína nuca escura de seu pescoço e do cabelo negro penteado. Ele olhou quando ela entrava em casa” (LAWRENCE, 1930, on-line)<sup>5</sup>.

Em seu primeiro encontro com o cigano, Yvette é levada a se consultar com uma moça do acampamento, sobre o seu futuro, tendo recebido uma profecia que punha em discussão os preconceitos sobre a sociedade “primitiva”, denunciando os males que Lawrence entendia como inerentes ao industrialismo: “Há um homem moreno que nunca viveu dentro de uma casa. Ele a ama. Há outras pessoas que vivem calcando o seu coração. E não de calcá-lo até você pensar que morreu. Mas o homem moreno reacenderá a última brasa e e ela se transformará em um belo fogo. Você verá que belo fogo” (LAWRENCE, 1930, on-line)<sup>6</sup>. O homem da profecia era, evidentemente, o cigano, que provocava estremecimentos em Yvette, quando ela se lembrava dos olhos do cigano observando-a: “seus olhos grandes e ousados sobre ela, com a insinuação nua de desejo neles”<sup>7</sup> (LAWRENCE, 1930, on-line). Para Lawrence, a sexualidade feminina exacerbada poderia ser uma característica vinda do universo cigano, que a raça branca perdera.

A trama narrativa insere questões a respeito da desigualdade, da exploração do

---

<sup>3</sup> “*The children were brought up in this atmosphere of cunning self-sanctification and of unmentionability*”. Tradução dos autores.

<sup>4</sup> “*Let there be as much hate and friction inside the family, as you like. To the outer world, a stubborn fence of unison*”. Tradução dos autores.

<sup>5</sup> “*She knew the gipsy man had turned to look at her. She was aware of the pure dark nape of his neck, the black hair groomed away. He watched as she entered his house*”. Tradução dos autores.

<sup>6</sup> “*There is a dark man who never lived in a house. He loves you. The other people are treading on your heart. They will tread on your heart till you think it is dead. But the dark man will blow the one spark up into fire again, good fire. You will see what good fire*”. Tradução dos autores.

<sup>7</sup> “*his big, bold eyes upon her, with the naked insinuation of desire in them*”. Tradução dos autores.

trabalho, do patriarcado e da hipocrisia da sociedade britânica. Mas o que mais provocou a repulsa dos contemporâneos à obra foi a descrição audaz da sexualidade feminina, vista como pornografia e obscenidade. Ao contrário desse moralismo, o sexo é apresentado por Lawrence como uma qualidade natural do homem e de seu comportamento na sociedade, a entrega dos corpos simbolizando o encontro do homem com a natureza. A moral vitoriana é desvelada no encontro de peles da virgem e do cigano, quando a mulher, o sexo e o amor afloram como temas latentes no mundo pensado por Lawrence, juntamente com a crítica social que tece à industrialização da Inglaterra, posta em contraste com valores tradicionais da vida simples do campo. Essas posições resultaram na censura de sua obra, com a proibição de livros clássicos por décadas na Grã-Bretanha, reduzindo a excelência de sua escrita à obscenidade puritana da época.

A atração carnal entre Yvette e o cigano ocupa o cerne da narrativa. Levada pelas convenções, ela procura se esquivar do homem que amava, embora os seus desejos continuassem presos à memória dos momentos em que se encontraram. O ápice desses encontros está no final do romance, quando Yvette é lançada às águas torrenciais de uma inundação provocada pela explosão da grande represa de Papple Highdale, situada a cinco milhas de sua residência. Dessas águas, a virgem é salva pelo heroísmo e o vigor físico do cigano, que a tomou “nos braços e segurou-a como um torno, para acalmar seu próprio tremor” (LAWRENCE, 1930, on-line)<sup>8</sup>. Abraçados e nus, no interior da residência da protagonista, os enamorados se aquecem e ambos mergulham no sono. No dia seguinte, o homem já não estava presente, quando Yvette é descoberta por seu pai e outros sobreviventes da catástrofe. Felizes, todos reconhecem que o cigano merecia uma medalha, pelo heroísmo que demonstrou. A mulher, deitada na cama e sentindo o coração apertar, pelo amor ao cigano, resigna-se com a sua retirada, compreendendo a sabedoria dessa atitude. O final do romance narra o recebimento de uma carta por Yvette, enviada de lugar desconhecido:

Cara Senhorita, vi no jornal que você está bem depois do mergulho. O mesmo acontece comigo. Espero vê-la um dia, talvez na feira de gado de Tideswell, ou talvez regressemos ao lugar onde estivemos. Naquele dia, eu vinha dizer-lhe adeus! nunca cheguei a dizê-lo. Bem, a água não deu tempo para isso, mas continuo a viver de esperança. Seu obediente criado, Joe Boswell.  
E só então é que ela notou que o cigano tinha um nome (LAWRENCE, 1930, on-line)<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> “[The gipsy nodded, and took her] in his arms, and held her in a clasp like a vice, to still his own shuddering”. Tradução dos autores.

<sup>9</sup> “Dear Miss, I see in the paper you are all right after your ducking, as is the same with me. I hope I see you again one day, maybe at Tideswell cattle fair, or maybe we come that way again. I come that day to say goodbye! and I never said it, well, the water give no time, but I live in hopes. Your obdt. servant Joe Boswell. And only then she realised that he had a name”. Tradução dos autores.

A crítica à despersonalização de ciganos torna-se clara, no final da trama. A carta é escrita de modo irretocável e acena para um futuro em que o par de amantes poderá se unir, deixando de lado as convenções sociais. É um final bastante diverso do romance alencariano, apesar da semelhança das catástrofes descritas pelos romancistas, uma vez que na narrativa brasileira a união de Peri e Ceci dá-se num plano mítico e só tangencialmente aparecem as sugestões de união do casal, reflexo de uma ideologia que se apoia na família e na religião, como valores basilares da sociedade.

O cigano de Lawrence apresenta características semelhantes às de Peri, mas como autênticas e necessárias à felicidade humana. O escritor combate a hipocrisia social e a dominação da elite sobre a massa popular. A força e o heroísmo que o cigano emprega, ao salvar a “virgem”, decorrem de desejos sexuais crus e manifestos. Na mesma vertente, Lawrence, em posição antípoda à de Alencar, vê tanto a família quanto a religião como os obstáculos basilares para a felicidade humana, na vigência do patriarcado e da subjugação de povos inteiros ao Império Britânico.

As vidas pessoais dos autores analisados apontam para diferenças dos estamentos/classes a que pertenciam, auxiliando-nos a compreender o momento em que viveram. Alencar, homem de ideias conservadoras, ocupou cargos importantes na política cearense, como deputado e Ministro da Justiça. Foram essas mesmas ideias que o levaram a se retirar da política, ao ter a sua indicação ao Senado preterida por D. Pedro II (FARIA, 1998, p. 3). Lawrence, diversamente, foi um pária social, ao combater as estruturas da época. O seu realismo literário, altamente crítico, fez com que permanecesse nos porões sociais, enfrentando dificuldades severas em sua vida pessoal e como escritor. Em suas obras, Lawrence desvela as forças instintivas da natureza humana, formulando uma crítica acerba contra a sociedade industrial moderna, ao contrário de Alencar, plenamente inserido no patriarcalismo da sociedade escravista em que viveu.

## **Considerações finais**

As relações entre História e Literatura são muito mais velhas que os conceitos amplamente discutidos sobre a ficção dos literatos e a “verdade” dos historiadores. Não obstante historiadores e literatos relatem acontecimentos que de fato ocorreram, os primeiros se baseiam em evidências, enquanto os segundos se utilizam à vontade de sua imaginação. Embora o historiador procure a “verdade”, como se apresenta até na etimologia do termo “história”, o acontecimento nunca é passível de ser recuperado direta e inteiramente dos documentos, isto é, dos traços que deixaram nos arquivos ou na memória, o que nos leva a aceitar que a narrativa histórica acaba por ser uma fotomontagem documental.

Esses dados tornam-se flagrantes nas narrativas sobre o amor e a sexualidade, um dos grandes temas da sensibilidade ocidental, sempre problemático porque resvala de desejos e necessidades individuais para propósitos visados pelos poderes que regem a



sociedade.

Essas considerações preponderam nesta análise sobre a oposição entre o exercício da sexualidade e as convenções sociais, tomando como amostragem empírica romances que ficcionam acontecimentos históricos: *O Guarani* e *The Virgin and the Gipsy*.

As narrativas de Alencar e de Lawrence pertencem a gêneros literários, países e épocas diferenciados, mas cuidam de temática e figuras literárias semelhantes. Tratam, ambos, do amor sentido por casais improváveis, por unirem mulheres aristocratas a homens tidos como selvagens pela sociedade. A trama também se assemelha, só que em Lawrence o ambiente patriarcal, controlado pela religião e pela família, transcorre dentro do respeito hipócrita às convenções. Já Alencar traça um quadro heroico da família de Ceci, elegendo um vilão clássico para se opor ao herói Peri, que, “embora ignorante”, tinha, como “filho da floresta”, “a realeza da força”. O cigano aparece como um dos contrapontos à hipocrisia social. Ceci, envolvida em rezas e na pureza de sentimentos, personifica a mitificação da mulher, virgem e casta. Yvette é uma vanguardista feminista, atraída pelo corpo cigano e disposta a enfrentar as convenções sociais, no amor declarado ao “primitivo”. O indianismo, como traço fundamental do romantismo oitocentista brasileiro, colore toda a ficção de Alencar, em suas ideias conservadoras sobre o civilizado e o selvagem e, paradoxalmente, enaltece como nacional aquilo que o índio tem de adesão ao espírito colonialista. Lawrence, pelo contrário, denuncia a sociedade industrial, apresentando o sexo como a união do homem à natureza. Nessas linhas gerais, a história é metodicamente apresentada como visões ideológicas de seus autores, dizendo, de alguma forma, não apenas o que é possível saber sobre os acontecimentos, mas como se pode dizer o que aconteceu a serviço de ou em oposição a ideologias de estamento ou de classe.

Por fim, as duas narrativas terminam em “catástrofes”, nas quais os corpos femininos e masculinos se encontram. Alencar descreve um cataclisma natural, inserindo o mito da criação do mundo relatado por Peri à Ceci no meio da torrente que os arrastava para a morte e para a vida espiritual, na qual viveriam eternamente como irmãos, ao lado do Trono Divino. D.H. Lawrence, em posição dialeticamente oposta, situa a salvação de Yvette pelo Cigano da torrente de água provinda do rompimento de um dique, relacionado à mineração, por atos heroicos, fortemente marcados pela sexualidade. O final do romance indica que ambos se uniriam em suas vidas futuras.

O amor idealizado de Alencar é plenamente aceitável pelos salões burgueses, os mesmos que subsistem no século seguinte e não aceitam a opção da aristocrata Yvette pelo selvagem Cigano, claramente assumida durante a e no final da trama romanesca.

## Referências

ALENCAR, José Martiniano de. *O Guarani*. Porto Alegre: L&PM, 1998.



- BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. Trad. de Flávia Villas-Boas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.
- BOSI, Alfredo. *A Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- DE MATOS, José Veríssimo Dias. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1915.
- FARIA, Maria Tereza. *Alencar: surpreendente não por ser exótico*. In: ALENCAR, José Martiniano de. *O Guarani*. Porto Alegre: L&PM, 1998, p. 1-5.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Quatro ensaios. Trad. de Marcus de Martini; prefácio à edição brasileira João Cezar de Castro Rocha; prefácio à edição canadense Robert D. Denham. São Paulo: É Realizações, 2014.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *O Brasil Monárquico, Reações e Transações*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1976. v. 3. t. 2.
- HUIZINGA, Johan. *El concepto de la historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- LAWRENCE, D. H. *The Virgin and the Gipsy*. A Project Gutenberg of Australia eBook, 1930. Disponível em: <http://gutenberg.net.au/ebooks03/0301101h.html>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- MOONEN, Frans. *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*. 3. ed. digital, revista e atualizada. Recife, 2011.
- MOSCOVICI, Serge. Os ciganos entre perseguição e emancipação. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 653-678, set./dez. 2009.
- MURAKAMI, Haruki. *Kafka à beira-mar*. Trad. de Leiko Gotoda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- ROBIN, Regine. *Histoire et Linguistique*. Paris: Librairie Armand Colin, 1973.
- ROBSON, William Wallace. D. H. Lawrence. *Encyclopaedia Britannica*, v. 10, 1980.
- VEYNE, Paul. *Comment on écrit l'histoire: essai d'épistémologie*. Paris: Éditions du Seuil, 1971.

#### NOTAS DE AUTORIA

**Alzira Lobo de Arruda Campos** ([alcampos@prof.unisa.br](mailto:alcampos@prof.unisa.br)) possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1962), mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (1978), doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1986) e livre-docência em Metodologia da História, pela Unesp (1998). Professora titular do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UNISA – Universidade Santo Amaro.



**Manoel Francisco Guaranha** (manoel.guaranha@sp.fatec.gov.br, manoel.guaranha@gmail.com) é Doutor em Letras (Literatura Portuguesa) pela USP – Universidade de São Paulo (2003); Mestre em Letras pela USP – Universidade de São Paulo (1997); graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Tiberiá (1990). Atualmente, é professor da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC) unidades Santo André e Ipiranga.

**Patrícia Margarida Farias Coelho** (pfcoelho@prof.unisa.br, patricia.coelho@metodista.br) possui graduação em Letras (Português/Inglês) (1995) e em Pedagogia (2016). Mestra em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2007) e Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010). Professora titular do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UNISA – Universidade Santo Amaro.

### **Agradecimentos**

Não se aplica.

### **Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT**

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; GUARANHA, Manoel Francisco; COELHO, Patrícia Margarida Farias. Ecos do preconceito na literatura: amor e sexualidade nos romances *O guarani*, de José de Alencar, e *The virgin and the gipsy*, de D.H. Lawrence. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 28, p. 01-19, 2023.

### **Contribuição de autoria**

Alzira Lobo de Arruda Campos: concepção, elaboração do manuscrito, redação, discussão.

Manoel Francisco Guaranha: concepção, elaboração do manuscrito, redação, discussão.

Patrícia Margarida Farias Coelho: leitura e revisão, discussão.

### **Financiamento**

Não se aplica.

### **Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica.

### **Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica

### **Conflito de interesses**

Não se aplica.

### **Licença de uso**

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### **Publisher**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

### **Histórico**

Recebido em: 06/06/2022

Revisões requeridas em: 28/12/2022

Aprovado em: 07/02/2023

Publicado em: 17/03/2023

